

VIGOR E DECEPÇÃO

*(...) Não duvidamos que Deus está connosco.
E se Deus está connosco, quem podia estar contra nós?*¹

Francis Higginson, 1629

*Se temos de usar a força é porque somos a América.
Somos a Nação indispensável.*²

Madeleine Albright, 1998

*Todos os que têm um Range Rover na garagem,
um roupeiro cheio de Armanis, e compreendem
a diferença entre um Medoc e um Merlot estão
a comprar arte contemporânea.*³

Peter Plagens, 2007



FICHA TÉCNICA

EM 2007, DOS 301 MILHÕES DE AMERICANOS, 32 MILHÕES VIVEM ABAIXO DO LIMIAR DE POBREZA. É O MAIOR CONSUMIDOR MUNDIAL DE COCAÍNA. O SEU PIB CHEGOU, EM 2006, AOS 13 TRILIÕES DE DÓLARES (MAIOR ECONOMIA DO MUNDO), DOS QUAIS 4,06% SÃO DEDICADOS A GASTOS DE DEFESA (MAIS DE 1 BILHÃO DE EUROS POR DIA). PRODUZ QUASE 1/4 DA POLUIÇÃO MUNDIAL (QUANDO A SUA POPULAÇÃO REPRESENTA, APROXIMADAMENTE, 1/20 DA POPULAÇÃO MUNDIAL). OS USA SÃO O MAIOR CRIADOR ANUAL DE PATENTES, A MAIOR RESERVA MUNDIAL DE PRÉMIOS NOBEL, E TÊM UM TERRITÓRIO MAIOR QUE O DA CHINA OU BRASIL, O QUE REPRESENTA MAIS DO DOBRO DA ÁREA DA UNIÃO EUROPEIA.⁴

Tal como acontece na Europa, desde o fim da II Guerra Mundial, a distância entre ricos e pobres tem aumentado nos USA. Mas, segundo Orlando Patterson⁵, não há uma América, há três:

A América tradicional, que emergiu do Norte puritano, com os seus brancos descendentes de europeus emigrados desde o século XVII e descendentes de escravos africanos; a América multicultural, que corresponde à população das grandes metrópoles vinda das Caraíbas, México, Ásia e Pacífico; e a América ecuménica, a que se liga pelo lastro cultural da identidade cristã (aproximadamente 76% dos americanos declaram-se protestantes ou católicos). Pois é desta América vigorosa, embora hoje, a vários títulos, decepcionante aos olhos dos europeus, que se fala aqui.

Vigorosa por possuir, desde a sua “fundação” em 1786, uma atitude pragmática que a Europa inveja e não consegue ter: o mundo, a história de um país, define-se na acção, pelo que se faz e não pelo que se discute.⁶ **Decepcionante** porque aos olhos do mundo, tem praticado o unilateralismo e defendido a “exceção americana” num momento em que se precisa de concertação, de multilateralismo, de cediências mútuas, de construção colectiva. Afinal, vivemos na Terra do aquecimento global, do terrorismo, da guerra contínua, da libertação do horror na vida privada e pública, da total publicidade do inenarrável e do supremo prazer no paraíso digital da Rede. Na “sociedade do hiperconsumo” de que nos fala Lipovetsky, ou do “individuo como umbigo do mundo”, de Sloterdijk.



JOSEPHINE MECKSEPER | "CDU-CSU", 2001 | C-PRINT | 106 X 165.5 CM | CORTESIA: THE SAATCHI GALLERY, LONDRES | © JOSEPHINE MECKSEPER, 2007

E OS REFLEXOS NAS ARTES?

Os USA sedeiam várias das mais importantes instituições artísticas do planeta, entre museus, fundações, galerias, escolas, feiras de arte, colecções.

A filantropia total para as artes nos USA situa-se, aproximadamente, nos 11 biliões de dólares⁷ por ano, dos quais menos de 1% é contributo do National Endowment for the Arts (NEA), o equivalente ao nosso ex-Instituto das Artes mas sem Ministério da Cultura por cima, num modelo de grande autonomia de avaliação e decisão, apesar de ser uma estrutura pública federal. Assim, para todos os USA, a estrutura pública federal para as artes contribui com menos de 100 milhões de euros/ano! Mas veja-se como é poderosa a participação dos privados, fruto de uma tradição forte que tem raízes no século XIX e se afirmou no século XX.

Desde os anos 90 do século passado, discute-se uma nova atitude para a filantropia. Os privados debatem o "valor social da arte", analisam "indicadores culturais", como a questão do potencial para o desenvolvimento comunitário⁸. Assim, ponderam-se condições para atribuição de bolsas e financiamentos (*grants*) que podem constringer caminhos e projectos artísticos - seja "social", se quer financiamento!

A este aspecto, acresce o "arts education issue": a presença das artes na educação foi ganhando terreno, apesar de não existir uma definição clara relativamente ao papel das artes na educação ou à relação entre artes e educação. Estas orientações vão dificultar a vida aos debutantes, os experimentalistas, no verdadeiro sentido da palavra. Os outros, os artistas herdeiros do valor da "arte moderna" e protagonistas de

"arte contemporânea", poderão continuar a facturar: são a "putativa arma transgressiva do *entertainment* e das indústrias da moda", como diz Peter Plagens. Esta tendência, é, aliás, evidente: a maior parte dos grandes jornais e revistas americanos têm vindo a cortar as colunas de crítica de artes visuais, remetendo as reflexões e notícias sobre a matéria para suplementos de fim-de-semana⁹. Suplementos que são de *Arts&Entertainment*, ou *Arts&Leisure*, na maior parte dos casos.

Mas também é verdade (e não só para os USA) que a maior parte da arte contemporânea só é inteligível para uma elite iniciada e para os ricos a quem essa elite vende as obras que considera relevantes.

Tem havido um crescendo de venda de arte contemporânea e de arte antiga; em 2002, mais de 1/4 da população adulta americana visitou um museu ou uma galeria (colocam-se dúvidas sobre a capacidade de "leitura" da maior parte dos ditos visitantes), mas o decréscimo de presença na comunicação social tem continuado.

E se desde os anos 40 assistimos ao que Irving Sandler apelidou de "o triunfo da arte americana"¹⁰ - do expressionismo abstracto à Pop Art, do hiper-realismo à Op-Art, do minimalismo à Land Art, da arte conceptual ao *happening*, dos novos academismos à arte militante - será necessário perceber se a esteticização do quotidiano ocidental está a fazer das artes mera "cultura visual", parte do dispositivo da economia capitalista global e do actual equilíbrio de Poder. |

¹ Francis higgindon, 1629 "(...) And thus we doubt not but God will be with us, and if God be with us, who can be against us?", palavras finais do texto *New England's Plantation ou A Short and True Description of the Commodities and Discommodities of that Country*, redigido pelo Reverendo Francis Higginson em 1630. Chegado de Inglaterra, Higginson foi um dos primeiros reverendos puritanos de Nova Inglaterra, na recém-criada colónia de Salem, na Baía do Massachusetts

² Madeleine Albright era, à data, a Secretária de Estado da Administração Clinton - citada em *Guerra e Democracia na Era do Império*, de Michael Hardt e Antonio Negri, ed. Campo das Letras, 2005

³ Peter Plagens, *Art in America*, 2007

⁴ Dados retirados do CIA - USA Factbook 2007

⁵ Orlando Patterson, *Global Culture and the American Cosmos*, no projecto "Arts, Culture and Society", da Warhol Foundation, 1994

⁶ Daniel J. Boorstin, *Os Americanos*, ed. Gradiva, 1997

⁷ Dados retirados do Relatório Anual de 2005 do National Endowment for the Arts

⁸ ver Getty Research Institute

⁹ Michael Janeway, Daniel S. Levy, András Szántó e Andrew Tyndall, *News Coverage of Arts and Culture in America*, National Arts Journalism Program, Columbia University, 2000

¹⁰ Referência à obra de Sandler na sua tradução francesa: *Le Triomphe de L'Art Américain*, Editions Carré, 1990